

CORPOREIDADE DISCURSIVA: OS MODOS DE DIZER DO SUJEITO ENTRE LÍNGUAS

Giovani Forgiarini Aiub¹

Quando o sujeito entra em contato com uma estrangeiridade, existem, *grosso modo*, a possibilidade de um estranhamento tal a ponto de um afastamento muito severo acompanhado de uma forte repulsa a esta estrangeiridade; a possibilidade de este estranho se tornar tão próximo ao sujeito que ele passa a tê-lo como familiar, íntimo e como um lugar de aconchego e conforto; e uma última possibilidade, mais ou menos uma mescla heterogênea das anteriores, que é a possibilidade de um estranhamento e uma familiaridade simultâneos, fazendo com que o sujeito crie, sem se dar conta, uma espécie de aproximação com ressalvas a esta estrangeiridade, ou melhor dizendo, uma familiarização com resistências de um lado e insistências de outro. E é esta última (im)possibilidade de familiarização com uma estrangeiridade que pretendo mobilizar ao longo deste trabalho. Neste viés, quando o sujeito entra em contato com esta estrangeiridade, pode-se conjecturar que ele passa a vislumbrar outros modos de dizer distintos daqueles *estabilizados* pela língua materna. Não se pode pensar em uma estabilidade de sentidos, pois o que (a)parecem como estáveis (estabilizados) são os modos de dizer a partir de uma língua primeira (materna), a partir de uma língua com função estruturante do sujeito (PAYER, 2005). E é esta função de língua materna que regula (no sentido de que direciona a certas regularidades) o sujeito em seus modos de dizer.

Assim sendo, o contato com a língua outra faz com que o sujeito se ponha diante de um diferente, de uma estrangeiridade, diante de outros modos de dizer, e são estes outros modos de dizer, por sua vez, que o colocam frente a um

¹ Professor do IFRS – *Campus Feliz* e doutorando em letras pela UFRGS.

estranhamento à língua materna, língua esta que é, via de regra, estruturante². A língua estrangeira, portanto, pode produzir um efeito de questionamento aos modos de dizer em língua materna, justamente porque há um estranhamento no sujeito daquilo que antes era tido como familiar, que antes lhe dava a ilusão de uma estabilidade pela/na língua materna, pois “o que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa” (REVUZ, 1998, p. 223). Então, esta ilusão estilhaçada pelo contato com uma língua estrangeira desestabiliza os modos de dizer tidos como únicos pelo sujeito. Este trabalho, portanto, busca demonstrar como os modos de dizer podem se modificar a partir de um contato com uma língua estrangeira. Para tal, foram tomados, para análise, narrativas, relatos falados a partir de entrevistas com sujeitos que tenham vivenciado intensamente uma estrangeiridade através de uma língua outra. Neste estudo, por conseguinte, o que será levado em consideração será o sujeito entre línguas materna e estrangeira, pensando como este sofre interferências (reverberações³) em seus modos de dizer a partir do contato com uma estrangeiridade (língua estrangeira), isto é, trata-se de uma análise, ainda que inicial, de como a função estruturante da língua materna sofre (resiste) com o contato (insistência) de uma língua outra.

Nesta perspectiva, quando se menciona a estrangeiridade, sabe-se que ela não é restrita ao contato com uma língua estrangeira, mas se toma esta língua outra como um dos aportes principais, como um dos pilares para que se tenha uma tomada de posição distinta daquela que a língua materna coloca como evidente, distinta daquela que a língua materna coloca como se fosse um lugar de estabilidade. A alteridade pode vir especialmente de outras culturas, outras condições sócio-históricas. Ainda, pode-se dizer que as culturas não dependem exclusivamente de uma alternância entre línguas, mas especialmente de uma

² Nem sempre só há uma língua com função estruturante, pois, na pesquisa desenvolvida por Payer (2006), a autora trabalha com escritas de imigrantes italianos que têm em sua língua materna as materialidades, tanto da língua italiana (ou o dialeto italiano), quanto da língua nacional (portuguesa).

³ Entende-se aqui a reverberação como “uma *interferência sobre o sujeito* de sentidos de uma língua sobre a outra cuja ocorrência mobiliza a historicidade das línguas envolvidas, mas que os diversos sentidos provenientes desta colisão não são acessíveis ao sujeito-aprendiz” (AIUB, 2014, p. 158).

alternância de *postura*, de uma alternância de um conjunto de práticas languageiras. De acordo com Serrani (2005, p. 16), “existem regras discursivas sobre o que é desejável, tolerado ou proibido de ser formulado, perguntado ou respondido em uma língua-cultura ou em determinados contextos ou variedades de uma mesma língua”. Neste sentido, esta *postura* (que se pode chamar subjetiva) não deve restringir-se a um comportamento físico, mas sim a como se posiciona o sujeito frente a uma estrangeiridade, frente ao novo e ao, até então, desconhecido. Esta *postura* também tem relação com um posicionamento na esfera discursiva, pois joga com as possibilidades de se poder (e saber) dizer na língua do outro.

A partir do exposto, podemos avançar no que diz respeito ao sujeito e ao reconhecimento daquilo que lhe é estranho, uma vez que o sujeito só percebe (dá-se conta de) uma língua estrangeira a partir de um lugar. Não um lugar ideologicamente marcado apenas, no sentido em que o sujeito ocupa uma posição na esfera discursiva, não é tampouco (e apenas) o lugar de um falante de uma língua nacional, muito menos o lugar do qual este sujeito enuncia ao falar em uma língua estrangeira, mas é tudo isso e principalmente o lugar no qual a língua materna ocupa no sujeito e esta o faz perceber o espaço da alteridade da língua outra. Dito de outro modo, só existe a língua estranha a partir de uma função estruturante do sujeito já em uma língua primeira. E é esta língua primeira que se pode chamar materna. O reconhecimento da estrangeiridade, da alteridade, do estrangeiro da outra língua está, portanto, sob a condição de o sujeito ser estruturado pela língua materna, pois, segundo Payer (2005, p. 61) “a língua materna tem função estruturante *fundamental* no sujeito – tanto como *instrumento* quanto como *matéria* dessa estruturação –, não coincidindo, portanto, com a língua falada pela mãe”.

Ao longo deste texto, tenho falado em *modos de dizer* sem dar a este termo o devido cuidado, não por acreditar ser da ordem de um já-estar-aí. Ao contrário, ele não o é. Trata-se, de fato, de algo que merece um olhar mais atento. Pode-se entender que estes modos de dizer são um conjunto de regularidades não fixas nas formulações e posturas de um sujeito frente ao seu dizer, isto é, os modos de dizer são construídos a partir de uma estruturação subjetiva, eles vêm inicialmente de

uma língua materna, aquela com função estruturante. Não se trata, pois, de um conjunto de estruturas linguísticas simplesmente, mas de estruturas linguísticas ligadas a aspectos sócio-histórico-culturais que, por vezes, modificam aspectos semânticos e de posicionamento do sujeito frente ao que para ele, na primeira língua, é da ordem de uma possibilidade e, na outra língua, surge como uma impossibilidade de dizer. Deste modo, entende-se que o contato com outras línguas afetam, de algum modo, um mundo já estabilizado pela estruturação da língua materna.

Dito isto, cabe trazer o que De Nardi (2009, p. 184) menciona, pois, segundo ela, “encontrar-se com o seu duplo é ver-se de fora, é *dar de encontro* com a nossa falta de unidade, a divisão do eu que é a sua verdade”. Estes modos de dizer, portanto, não devem se restringir a aspectos de cunho linguístico-estrutural, mas isso não significa que eles não possam também fazer parte. Dito de outra forma, estes modos de dizer levam em conta necessariamente uma *postura* subjetiva frente à língua outra. A este conjunto de modos de dizer, que se constituem no e pelo sujeito a partir de suas práticas de linguagem, os quais tomam *corpo* na esfera subjetiva, pretendo chamar de *corporeidade discursiva*. Trata-se, pois, de um lugar no qual o sujeito é inscrito e se inscreve para poder dizer, ou seja, a *corporeidade discursiva* faz parte do sujeito e esta corporeidade se rearranja quando existe o contato com uma estrangeiridade.

Pode-se afirmar, então, que há uma inscrição do sujeito em uma *corporeidade discursiva* para que ele possa dizer, não *dizer* simplesmente, mas dizer filiado a uma postura e a certas regularidades constituídas pela língua, seja em língua materna ou já estrangeira. Em outras palavras, ao dizer todo sujeito se inscreve em uma *corporeidade discursiva*, e esta corporeidade se modificaria sempre que o contato com uma estrangeiridade é acentuada. Dito de outro modo, o sujeito, estruturado por uma língua primeira, se inscreve em uma corporeidade discursiva para poder dizer, para poder produzir sentido. Assim sendo, ao se confrontar com uma estrangeiridade, esta corporeidade tanto sofre as resistências da língua primeira como também cede às insistências desta língua outra. Esta corporeidade discursiva seria um lugar de resistências e insistências da(s) língua(s), um lugar onde o sujeito

se inscreve para dizer. A corporeidade discursiva, por sua vez, não está livre das falhas da língua, das marcas ideológicas, das filiações sócio-históricas e culturais, pois ela leva as marcas do sujeito o qual ela habita. Neste viés, a corporeidade discursiva não pode ser pensada como um lugar de estabilidade. Justamente o contrário, pois ela estaria em constante transformação, especialmente quando do contato com uma estrangeiridade. A corporeidade discursiva é o lugar no qual os modos de dizer se instalam para constituir os dizeres de determinado sujeito, a discursividade. Deste modo, todo sujeito se inscreve em uma corporeidade discursiva e, ao mesmo tempo, toda corporeidade discursiva se inscreve no sujeito.

Para tal, tomou-se o depoimento de sujeitos que, residentes no Brasil, vivenciaram, em outro país, alguma língua estrangeira por mais de um ano. No caso deste estudo, foram gravadas entrevistas com pessoas que assumem o português brasileiro como língua materna, ou língua primeira. Para iniciar, segue uma sequência discursiva (SD) da primeira entrevistada: Lorena⁴, uma administradora que viveu por dois anos nos EUA, sendo um ano enquanto era adolescente e o outro, mais recentemente, com seus vinte e oito anos de idade.

SD1 – [...] no começo era tudo muito difícil, né?! Mas aí eu comecei a entender as pessoas. Depois de pouco tempo, eu estava entendendo o que as pessoas falavam comigo, mas eu não conseguia reproduzir, eu não conseguia falar, então eu demorei mais tempo para começar a falar e expressar as minhas ideias [...].. então isso me deixava angustiada porque eu sabia o que eles queriam, mas eu não conseguia me expressar. Então, a comunicação era muito complicada. [...] E eu tinha muita dificuldade de comunicação, mas foi durante esse ano morando lá que eu realmente adquiri a língua.

Ao dar seu depoimento de como vivenciou a estrangeira língua inglesa, Lorena traz inicialmente uma dificuldade se de expressar (SD1), pois sabia o *que* dizer, mas não o *modo* de dizer. Entendia, mas não tinha condições de responder ou de se fazer entender. Pode-se pressupor deste fato que, mesmo sem que Lorena percebesse, a resistência aos modos de dizer da outra língua se impunha a ponto de ela não enunciar, a ponto de ela se sentir angustiada. A comunicação (preocupação básica de Lorena) não se efetivava, o que a deixava aflita. Com efeito, uma das

⁴ Os nomes colocados aqui são fictícios.

funções da língua é comunicar, isto é, o sujeito precisa da ilusão de que suas palavras produzem sentido para poder dizer. Do contrário, será que não há por que dizer? Ao ter ciência de que suas palavras não significavam, Lorena não dizia. De nada adiantaria dizer em língua materna, uma vez que as palavras em português pouco ou nenhum sentido fariam aos seus interlocutores. Os modos de dizer de Lorena estavam tão bem estruturados pela língua materna que, ao dar de encontro com a outra língua, não sofreram, de imediato, transformações. Neste momento, os modos de dizer ainda estavam muito ligados a uma corporeidade discursiva indissolúvelmente colada à língua materna. Foi, porém, somente após algum tempo, que Lorena passou a se expressar, pois, segundo ela, foi durante este primeiro ano que *adquiriu a língua*. Dito isso, pode-se fazer uma alusão às línguas materna e estrangeira, no sentido de que cada uma tem uma organização e uma ordem própria. Uma organização própria porque existem regras, arranjos e combinações específicas para cada língua, e uma ordem própria porque a relação da materialidade da língua com a história é singular, isto é, cada língua a faz de maneira distinta. No caso de Lorena, pode-se inferir que tanto a organização quanto a ordem da língua estrangeira a deixaram sem poder dizer.

Dito isto, será colocado sob análise outras SDs. Trata-se do depoimento de Joana, professora de língua portuguesa e inglesa que morou durante um ano nos EUA. Ao ser perguntada se lembrava de algum momento de estresse, ela diz:

SD2 – Ah, claro, por exemplo, tu está andando na rua e alguém se vira... alguém que não deveria, tu xinga em português. Tu sabe que a criatura não vai entender, mas tu xinga em português porque é a língua que tu sente. Não adianta nada xingar o cara em inglês, porque tu não vai extravasar coisa nenhuma, né!?

SD3 – [...]um dos confortos da língua estrangeira é por exemplo tu poder falar palavrão e tu não se sentir mal por isso. Eu jamais falo palavrões em português... dificilmente. Agora em inglês eu falo palavrão e fico me sentindo muito bem por isso, não tem problema nenhum.

De imediato, sugiro que voltemos à SD1, de Lorena, para fazer uma comparação. Lorena não dizia aos seus interlocutores em outra língua porque tinha a certeza de que não seria entendida. Já Joana, em certas ocasiões, justamente falava em uma língua que não seria entendida por quem a ouvia. Ela *xingava* em português, porque é a língua que ela *sente*. De nada adiantaria xingar na língua do

outro, pois xingar é um ato que faz com que o sujeito extravase, um ato que o libera de determinadas emoções, emoções que só seriam sentidas na língua que tem função estruturante. Este modo de dizer (xingar na língua do outro) não funciona para Joana, pois este tipo de laço emocional não se desprende da língua materna, a corporeidade discursiva, tão singular para cada sujeito, não se deixou, no caso destes xingamentos, abalar por modos de dizer do outro, estando ainda fortemente ligada aos laços familiares da língua materna.

Sendo assim, retomo à questão logo acima colocada para afirmar que o dizer sim precisa fazer sentido, principalmente para aquele que enuncia. Se Lorena não dizia em língua materna por saber que não seria entendida, Joana falava na *sua* língua justamente por isso, por ter quase certeza que não seria entendida, mas principalmente por aquelas palavras terem sentido para ela e não para o outro. Temos aqui a questão da comunicação colocada em xeque, afinal a língua também serve (no sentido em que o sujeito se serve dela, se submete a ela, mas não no sentido de que ele a usa) para não comunicar. Passando para a SD3, Joana expõe uma questão interessante. Ao passo que prefere xingar em língua materna, evita usar palavrões na sua língua primeira, o que nos sugere que a questão do uso de palavras de baixo calão são, para ela, algo que acompanha a sua língua materna, língua da mãe, da educação familiar, da interdição. Sabe-se o que se pode e como podem ser ditas certas coisas, certas palavras, em certas ocasiões. Liberar-se dessa interdição estabelecida pelos modos de dizer da primeira língua em um momento de desabafo é da ordem de um refúgio. Joana sente que pode dizer na outra língua o que ela dificilmente diria na língua materna. Ao colocar isso, não pretendo dizer que o conjunto de modos de dizer que compõem a *corporeidade discursiva* se transformam ou deixam de se transformar por isso ou por aquilo. A questão aqui é tentar apresentar que a corporeidade discursiva é tão singular quanto o sujeito, mas, ao mesmo tempo, está sujeita às regularidades que a língua, junto com as questões sócio-históricas e culturais, impõe.

Através destas SDs, é possível perceber ainda que a *postura* subjetiva, parte do que tenho chamado de corporeidade discursiva (justamente porque a postura também depende de uma posição do corpo), também se modifica no contato com

estrangeiridade. A língua estrangeira faz com que o sujeito se realoque em sua discursividade, pois ele precisa de certas ilusões para poder dizer. Para Indursky (2000, p. 70), “o sujeito da AD não é só social, mas também é dotado de inconsciente, o que faz com que o sujeito atue sob o efeito de duas ilusões: pensa ser a fonte do seu dizer e ser responsável pelo que diz”. Além disso, ao mesmo tempo, ao se submeter à língua, o sujeito não pode jamais dizer tudo. Milner (2012, p. 28) traz à tona a questão da partição da língua, isto é, uma repartição entre a língua do linguista, que a divide entre o que é correto e incorreto e a língua, pois, segundo ele, “falar de língua e de partição é reconhecer que não se pode dizer tudo”. E de fato não se pode dizer tudo, mas o contato que uma língua outra proporciona ao sujeito, além da ilusão de que suas palavras significam (seja para ele mesmo, seja para o outro), é da ordem de um questionar-se, de um olhar para si, é se perguntar, de tal modo que o conjunto de modos de dizer na língua materna sofre alterações e, conseqüentemente, a inscrição do sujeito na corporeidade discursiva também se modifica.

Sabe-se que estas análises são iniciais, mas podem dar um panorama geral de como a língua, juntamente com uma carga sociocultural, pode afetar, no sentido de um afeto, de um amor, os modos de dizer do sujeito, que é também afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. São os modos de dizer que, acompanhados de um jogo de posturas do sujeito frente ao dizer do outro, compõem o que foi denominado corporeidade discursiva. Esta corporeidade faz parte do sujeito e, em tese, é nela que ele se inscreve para dizer de um determinado modo e não de outro, ou até mesmo para não dizer simplesmente. É na corporeidade discursiva que residem as res(ins)istências das línguas em jogo, e o sujeito invariavelmente deve conviver com tais embates.

REFERÊNCIAS

AIUB, G. F. *O sujeito entre línguas materna e estrangeira: lugar de interferências, historicidades, reverberações*. Curitiba: Appris, 2014.

DE NARDI, F. S. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. *Desenredo*, v. 5, n. 2, p. 182-193, jul./dez., 2009.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: _____; CAMPOS, M. C. (orgs.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000, p. 70-81.

MILNER, J.-C. *O amor da língua*. Trad. Paulo Sérgio de Mendonça Júnior. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 2012.

PAYER, M. *O Memória da língua: imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta, 2006.

_____. Memória e esquecimento da língua materna e a relação com a escrita. In: SCHONS, C. R.; RÖSING, T. M. K. (orgs.). *Questões de escrita*. Passo Fundo/RS: Editora da UPF, 2005, p. 55-65.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Trad. Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (org). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas/SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, p. 213-30.

SERRANI, S. *Discurso e cultura na aula de língua: currículo, leitura, escrita*. Campinas: Pontes, 2005.